

Narrativas sobre a metrópole centenária: Simmel, Hessel e Seabrook

Narratives about a centennial metropolis:
Simmel, Hessel and Seabrook

Carlos Fortuna

Resumo

A metrópole e a vida do espírito, de Georg Simmel, é abordado como texto seminal da sociologia urbana e da análise dos comportamentos humanos em contextos metropolitanos. Estabelece-se uma relação entre a atitude *blasé* e o surgimento da figura do *flâneur*. Esta é tratada a partir dos contributos de Franz Hessel de finais da década de 1920 que retrata com algum romantismo o universo metropolitano europeu anterior à Segunda Guerra Mundial. A terminar, o texto interroga a existência da *flânerie* nas megacidades do sul global de hoje. O autor usa o recente relato de J. Seabrook para ilustrar como, passados cem anos, a metrópole de Simmel passou por profundíssimas transformações. Se se puder ainda falar de *flânerie*, certamente ela sofreu uma alteração radical da sua natureza. De tal modo que essa mudança implica a revisão epistémica da sociologia urbana.

Palavras-chave: Simmel; metrópole; *flânerie*; cânone urbano.

Abstract

Georg Simmel's The Metropolis and Mental Life is treated as a seminal study of urban sociology and of the analysis of human behavior in metropolitan contexts. A relationship between the blasé attitude and the appearance of the flâneur is established. The latter is seen through Franz Hessel's writings, in the late 1920s, which present a somewhat romantic view of the pre World War II in Europe. The article ends up by questioning whether flânerie still exists in today's global South megacities. The author makes use of J. Seabrook's recent writings to show the deep transformation Simmel's metropolis went through in the past hundred years. If we can still talk of flânerie, it has certainly undergone a very radical change in nature which leads to an epistemic revision of the canon in urban sociology.

Keywords: Simmel; metropolis; *flânerie*; urban canon.

Introdução: Simmel e o cânone urbano

Georg Simmel é um daqueles intelectuais cujo nome reaparece a cada instante nas reflexões sobre inúmeros temas da atualidade. Ou porque as suas incursões se tornaram incontornáveis e dificilmente descartáveis nos nossos dias, ou porque o entendimento da mudança societal de hoje aconselha o recuo temporal às linhas originárias de seu questionamento, como modo de fundamentar arqueologicamente o saber contemporâneo. São esses atributos que conferem a Simmel o estatuto de um dos fundadores da sociologia e atribuem ao seu trabalho a condição de obra clássica. Num e noutro caso, enquanto legado intelectual sempre atual e sempre atualizável, Simmel e a sua obra permanecem entre as marcas inspiradoras mais profundas do pensamento sociológico contemporâneo.

São várias as razões que fazem de Simmel esse pensador atual. A primeira dessas razões decorre de partilhar com outros contemporâneos seus uma inquietação sobre o que representa efetivamente a modernidade no curso da civilização. A escala macro de tal objeto, contudo, foi abordada por Simmel segundo uma metodologia que privilegiava a análise de fragmentos (*snapshots sub species aeternitatis*), de novas formas e configurações societais muito específicas, conjugadas com abordagens filosóficas e estéticas que, umas e outras, colocaram Simmel paradoxalmente fora do *mainstream* acadêmico do seu tempo.¹ A preocupação de Simmel com o que é moderno se encontra essencialmente assinalada pela sua aturada reflexão sobre Berlim como

metrópole europeia de finais do século XIX, em torno da qual produziu um dos seus mais influentes escritos – *A metrópole e a vida do espírito* (Simmel, 1997 [1903]).

Pode dizer-se que *A metrópole...* de Simmel contribuiu decisivamente para a constituição do cânone urbano ao longo do século XX. Entre os que puderam assistir à conferência em que pela primeira vez Simmel expôs suas ideias sobre a condição urbana metropolitana,² poucos terão admitido estar perante um estudo seminal que alcançaria esse estatuto de obra clássica, constitutiva, no sentido kuhniano, de um novo cânone ou paradigma em formação. O estudo, associado a muitas outras considerações de Simmel dispersas por textos de natureza não imediatamente acadêmica, passou rapidamente a ser comentado e glosado no efervescente meio acadêmico e jornalístico alemão de princípios do século. As ideias ali expostas depressa atravessaram a fronteira atlântica pela mão de Robert Park, discípulo de Simmel, e viriam a constituir parte importante de património intelectual da chamada “Escola de Chicago”. Traduzido e retraduzido de modo incessante em todo o mundo, *A metrópole...* é na verdade uma referência incontornável e um marco do conhecimento disponível sobre a cidade e a questão urbana.³

Por essas razões, parece indispensável que regressemos ao estudo original de Simmel para contribuir para esse desafio que, em boa hora, os *Cadernos Metrópole* lançam, de equacionar o lugar de Simmel na interpretação do mundo das metrópoles dos dias de hoje. Antes, porém, permito-me desenvolver brevemente uma das facetas derivadas do fato de um estudo como *A metrópole...* de Simmel poder ser considerado como parte integrante do cânone

acadêmico urbano. A faceta a que me refiro é a da fixação ou delimitação teórica-metodológica do objeto de estudo que a obra canônica constitui. O estudo de Simmel, reconhecidamente centrado na evolução urbana de Berlim da viragem do século, dada a sua originalidade e a pertinência heurística das suas hipóteses no tempo em que surgiu, ajudou a “fixar” a abordagem sociológica urbana no contexto das grandes cidades. Como sustento noutra lugar (Fortuna, 2011), tal opção teve como primeiro efeito derivado a estabilização da sociologia urbana no universo geocultural do ocidente europeu e norte-americano. Os efeitos epistêmicos resultantes dessa “norte-ocidentalização” da sociologia urbana traduziram-se, fundamentalmente, na duradoura “desclassificação” de universos urbanos alternativos da América Latina, de África e da Ásia, no conjunto dos territórios empíricos e de investigação urbana pertinente. Admito que a recente reflexão em redor das chamadas “outras” cidades ou cidades “ordinárias” possa constituir um contributo de relevo para a descanonização da sociologia urbana e a reorientação dos seus princípios filosóficos e teórico-metodológicos (Amin e Graham, 1997; Mendieta, 2001; Robinson, 2006).

Um segundo efeito derivado do canônico estudo de Simmel, e derivado do anterior, respeita à negligência do universo das “pequenas e médias” cidades. Cerca de 60% da população urbana mundial de hoje vive em aglomerados de menos de 750 mil habitantes (United Nations, 2010) e, entre estes, a grande maioria reside em cidades de menos de 100 mil (Clark, 2003). O que resulta daqui é que a insistência no estudo das megacidades risca deixar na penumbra um universo riquíssimo de experiência urbana de uma parcela não desprezível da

população humana. No plano da teoria, esse universo das pequenas e médias cidades está limitado a ensaiar sucessivas tentativas de adequação das políticas desenhadas para os contextos das megacidades ou, em alternativa, têm de forçar a teoria a reconhecer que a pequena dimensão de umas cidades não é um efeito perverso da desmedida grandeza de outras.

Na política científica, sabemos interpretar o lugar dos efeitos não intencionais resultantes da investigação. Um deles é, por certo, o de não atribuímos responsabilidades diretas ao autor pelos “desvios” que a sua “teoria” pode ter sofrido na mão dos seus seguidores. Daqui retiro que o clássico ensaio de Simmel, contribuindo embora para a constituição do cânone sociológico urbano em torno às grandes cidades, não restringiu a esse universo a imaginação sociológica urbana posterior. Simmel, aliás, escreveu sobre Berlim, a grande cidade que tinha pela frente, e as suas considerações foram sucessivamente comentadas e testadas em outros lugares, com predominância para as grandes cidades da Europa, que assim foram sendo tornadas contextos naturais de investigação urbana. Supostamente porque era nessas concentrações urbanas que se impunham os fenômenos sociopolíticos inusitados e modernos que, irrepetíveis em contextos de menor escala, reclamavam interpretações inovadoras.

A metrópole e a atitude *blasé*

Berlim, por volta de 1900, era um desses universos intrigantes de acelerada mudança política e cultural. Com um pouco menos de 2

milhões de habitantes, Berlim não era propriamente uma cidade de grande escala. Em meados do século, com os seus 3.3 milhões, integrava ainda o grupo das 20 maiores cidades do globo, mas cedo perdeu esse estatuto, como de resto sucedeu com as restantes cidades europeias (Soja e Kanai, 2007, p. 60). Quer isto dizer que, exceção feita ao caso de Nova Iorque e Los Angeles, o peso demográfico urbano do mundo se tem vindo a deslocar para “outras” cidades fora do contexto europeu e norte-americano.

Essa profunda alteração da geografia da urbanização metropolitana é importante para o argumento deste texto que passo a sumariar. Tudo começa com Simmel e Berlim. A metrópole da viragem do século foi identificada como geradora de novas configurações sociais, mas também de novos atores, crescentemente individualizados e em confronto com também novos desafios à sua condição cidadã. Para poder conservar o seu equilíbrio mental, segundo Simmel, o frágil urbanita busca refúgio na atitude *blasé* de desprendimento e indiferença. Do eventual aprofundamento dessa condição resulta a possibilidade de uma total desafiliação dos sujeitos com o coletivo urbano. No limite, o desprendimento do sujeito *blasé* pode dar origem à figura do *flâneur*, quiçá o sujeito urbano que melhor tipifica a moderna condição metropolitana. Quem é e como se manifesta esse *flâneur*? Recorro ao relativamente marginalizado contributo de Franz Hessel – ele próprio um assumido *flâneur* – e à descrição que faz da Berlim da década de 1920. Na segunda metade do século XX, a intensa e rápida urbanização do Sul global, por efeito da descolonização, gera também ela novos atores. Que traços correspondem à *flâneurie* nesses novos territórios urbanos, se ainda existe? Recorro aqui a Jeremy

Seabrook, um irreverente repórter do mundo urbano dos países pobres. Se admitirmos que a metrópole seja metonimicamente associada à figura do *flâneur*, nas novas metrópoles do Sul o que mais se pode aproximar da *flânerie* desenrola-se agora não na condição *blasé* de Simmel, mas na mais alienada e sub-humana condição de vida, de quem luta a cada instante pela sobrevivência, nas condições mais adversas. De Simmel a Seabrook decorreram pouco mais de cem anos, um lapso de tempo suficiente para assinalar profundíssimas mudanças ocorridas nas metrópoles, com destaque para os atores sociais que melhor podem ilustrar a condição de vida que elas enunciam. O percurso argumentativo faço-o discorrendo em traços breves sobre as narrativas que Simmel, Hessel e Seabrook oferecem sobre a vida urbana.

A capacidade da metrópole de gerar novas mentalidades e estilos de vida é um traço sociológico da vida moderna, repetidamente assinalado pela sociologia urbana desde os seus primeiros passos. Na linguagem simmeliana, é a “atitude *blasé*” a que melhor ilustra a moderna configuração psicossociológica do indivíduo. Essa atitude *blasé*, que Simmel faz derivar do imoderado desafio sensorial que a metrópole suscita, é um dispositivo psíquico essencial para que os indivíduos possam reagir aos efeitos da generalizada monetarização da moderna economia urbana. No limite, ela se constitui na atitude reiterada de indiferença perante a diferença que distingue os objetos e mercadorias uns dos outros e separa as pessoas entre si (Simmel, 1997/1903, p. 35), convertendo-se em mecanismo de autodefesa dos sujeitos modernos no quadro da grande cidade. É um traço comportamental carregado de negatividade, que fomenta a distância e o

afastamento em face dos outros com quem nos cruzamos nos espaços abertos da cidade.

No entanto, Simmel admite que o invólucro de reserva mental e distanciação a que o indivíduo se entrega na metrópole, constituindo embora uma autodefesa, não é tão sólido como parece. Contra a sua permanente mobilização jogam as virtudes da ação interpessoal que forçam os sujeitos a uma estrutura variada de sentimentos que, ao lado da atitude *blasé*, do estranhamento e da aversão, encerra também simpatias e afinidades, mesmo que efêmeras e transitórias, e também um sentido de autonomia pessoal, ainda que indefinido. Nem tudo na relação urbana é, portanto, feito de reação negativa. A cidade moderna contém mesmo, segundo Simmel, o potencial para pensarmos o lugar das relações de civilidade e interação urbana nos espaços públicos da cidade. A regra parece portanto ser a da conflitualidade vivida de sentimentos contraditórios que interpelam os indivíduos a cada instante e exigem dele uma decisão racional e objetiva.

As várias personagens que passam a povoar a paisagem metropolitana moderna – o estrangeiro, a prostituta, o pobre, o aventureiro, etc. – experienciam essa conflitualidade de sentimentos. O mesmo se diga do *flâneur*, essa figura destacada da sociedade de massas que, mesmo não pertencendo ao léxico urbano e cultural simmeliano, representa a materialização dos constrangimentos psicossociais e emocionais enunciados em *A metrópole...*

Trata-se de um ator social intimamente associado aos modos de observação e à espetacularidade da urbanização e da metrópole europeia tal como esta se desenvolve sob a égide do capitalismo e do consumo a partir de meados do século XIX. Motivo recorrente da

literatura sociourbanística e das *belles lettres* do século passado, a origem do *flâneur* está identificada com um espaço específico (a cidade de Paris) e um tempo determinado (segunda metade do século XIX).⁴ Não obstante, as considerações tecidas por Simmel sobre a atitude *blasé* permitem, a meu ver, estabelecer uma ligação de proximidade temática com a *flânerie*. Enquanto forma moderna de deambulação nos espaços abertos das grandes cidades, o *flâneur* refugia-se no domínio pessoal e privado a partir do qual estabelece os termos da sua relação com a multidão. Essa relação, portanto, constitui-se como relação marcada por uma paradoxal íntima exterioridade, a partir da qual o indivíduo *flâneur* estabelece um vínculo tão egoísta como apaixonado com a multidão da grande cidade. Proximidade e distância, enquanto estratégia de vida, são justamente a sábia combinação que preside ao comportamento público dos sujeitos urbanos racionais de *A metrópole...* Aquilo que o *blasé* de Simmel procura com a racionalização da sua interação em contexto urbano não é a busca do deleite pessoal que tipifica o *flâneur* de Baudelaire.⁵ É, ao contrário e como vimos antes, uma modalidade de autodefesa e quase emancipação dos indivíduos perante a multiplicação de estímulos e desafios que a condição urbana metropolitana lhes impõe e perante a qual estes se protegem de riscos e desequilíbrios psicomentais, como os que Sartre trataria como náusea.

Para além de fazer ressaltar a condição *blasé* como expressão individual de relação social urbana dos sujeitos modernos, a incursão de Simmel, sem nunca mencionar a *flânerie* baudelaireana, permite-nos ir ao encontro da ideia que a noção de *flâneur* é algo indeterminada e sujeita a diversas interpretações. Com

efeito, em anos mais recentes, encontramos a *flânerie* sendo considerada como prática de observação urbana associada ao método do fragmento etnográfico da realidade⁶ ou sendo tomada como posição privilegiada para entender o lugar da cultura visual e os modos de percepção típicos do século XX.

Franz Hessel, o *flâneur*

Menos de três décadas passaram desde o surgimento de *A metrópole...* para que o *flâneur* berlinense surgisse com fulgor por entre as discussões intelectuais locais. Até onde essa discussão nos esclarece sobre a evolução da vida urbana metropolitana, é uma questão em aberto que não pretendo abordar neste texto. Limito-me somente a enunciar em traços breves a incursão na *flânerie*, enquanto a um tempo prática de vida e narrativa intelectual, de Franz Hessel, uma figura grada, porém algo marginalizada, da cena intelectual berlinense. Pretendo deter-me por uns instantes na visão de Franz Hessel, precisamente por considerar que representa uma atitude assumida de *flânerie* que vem atualizar em meados da década de 1920 a relação que admito existir entre o *flâneur* de Baudelaire e a atitude *blasé* de Simmel. Por outro lado, o estilo e algumas das temáticas tratadas por Hessel antecede os termos e as considerações de Benjamin sobre o tema, pelo que, no conjunto, a sua obra pode ser considerada como uma leitura pioneira da metrópole de entreguerras, ainda que marginalizada dada a sua limitada difusão.⁷ Outra virtude do trabalho de Hessel que desejo sublinhar é o fato de tratar precisamente da mesma cidade de

Berlim sobre que Simmel se detivera no seu *A Metrópole...* Por fim, quero considerar que a visão de Hessel sobre o *flâneur*, exposta como conjunto de relatos de viagens e deambulações ocasionais pelas ruas e ambientes públicos de Berlim, organizam um modo particular de ler a metrópole europeia da época e permitem-nos interpelar a sua evolução ao longo dos últimos cem anos.

Franz Hessel, nascido em 1880 no seio de uma família judia de renda alta, manteve uma longa relação de amizade e profissional com Benjamin. Admirado como intelectual e escritor, entusiasta assumido da experiência política e cultural de Weimar, Franz Hessel pode ser tido, ao lado de Simmel, como um dos que primeiro se aperceberam da importância da cidade como complexa encruzilhada de signos por decifrar. Frequentador de círculos intelectuais, artísticos e boêmios da Alemanha de entreguerras (o Circulo do poeta Stefan George em Munique era o seu preferido), estabeleceu um contato próximo com a elite cultural europeia da época, sobretudo berlinense e parisiense.

Os escritos de Hessel constituíam já um gênero literário antes mesmo de W. Benjamin ou S. Kracauer se deixarem “apaixonar” por este enigma cultural que é a captação da vida urbana da modernidade.⁸ Era um cultor da escrita fragmentada e do relato de situações ocasionais e furtivas da realidade urbana, que revela ressonâncias claras com os *snapshots sub specie aeternitatis* simmelianos. Em muitas circunstâncias, Walter Benjamin revela em *Rua de Sentido Único*, por exemplo, uma franca simpatia pelo estilo de Hessel (Benjamin, 1992) e chega mesmo a declarar admiração pelo trabalho de seu amigo Hessel.⁹ De acordo com o comentário de Anke Glebber, Hessel oferece

um modo singular de captar a *flânerie*, baseada na construção literária da cidade como se esta fosse um estudo de caso sociológico. Tal leitura torna possível “traçar a genealogia das formas de percepção que antecedem a condição da *flânerie*” ao permitirem considerar a própria errância literária como um metatexto da urbanidade (Glebber, 1999, pp. 85 e 110).

Hessel, tão familiarizado com Berlim como com Paris, onde passava regulares temporadas anuais, é na verdade um amante romântico da cidade, no sentido que Pierre Sansot fala de como amar uma cidade (Sansot, 1994, pp. 358-374). Escreve de acordo com um sentido dialético próprio que, ao mesmo tempo que desvenda uma Berlim secreta cujos traços vão sendo descritos como potentes elementos de atração, trata a cidade como um estranho espelho através do qual cada um se vai poder descobrir a si próprio. A relação de proximidade de Hessel com os surrealistas é clara, já que os seus passeios por Berlim, alguns compartilhados com o próprio Walter Benjamin, assinalam um método particular da montagem de fragmentos, em tudo semelhantes ao que Benjamin usaria na escrita das suas famosas *Passagens* (Benjamin, 2009), ou que Guy Debord e os situacionistas iriam mais tarde promover com o exercício da deriva (Coverley, 2006).

Quando passeia por Berlim e nos conduz pelas suas artérias, praças e bairros, ou quando se dirige diretamente aos seus concidadãos berlinenses, Franz Hessel dá mostras de uma sensibilidade extrema para com a materialidade da cidade (por exemplo, nos detalhes minuciosos das ruas e das lojas ou nas descrições de indivíduos), oferecendo uma visão intimista e naturalista da metrópole e do seu passado,

deixando transparecer certa obsessão e nostalgia pelas ruínas e a destruição provocada pela guerra.

Hessel reconhece a grande dificuldade em interpretar e habitar uma cidade como Berlim, que se transforma rapidamente e se encontra “sempre em vias de se converter em algo diferente sem nunca descansar sobre o seu passado” (Hessel, 1997/1929, p. 212) e que, diga-se de passagem, tomaram de novo conta da cidade nos anos da sua reconstrução pós-Segunda Guerra Mundial, a que Hessel já não assistiu, e novamente na sequência da queda do muro e da reunificação alemã. Trata-se aqui de uma referência às contínuas transformações materiais e arquitetônicas por que Berlim passou nas primeiras décadas do século XX (Frisby, 2001). Acima de tudo, acomodar-se à contínua mudança da grande cidade requer a mobilização permanente de energias e sentimentos como condição de a saber perscrutar e apreciar nos seus mais recônditos detalhes. Requer, sobretudo, uma atitude de inocente tolerância e reserva, ao mesmo tempo de proximidade e distância calculadas de onde brota a apreciação estética da paisagem:

Se a rua é de verdade uma espécie de leitura, então leiam-na, mas não a critiquem demasiado. Não sejam demasiado apressados em julgá-la bela ou feia. Não podemos confiar nestes conceitos. Deixem-se enganar ou seduzir um pouco pela luminosidade, pelo decorrer do dia e pelo ritmo das vossas passadas... Por estar enclausurado de forma amistosa, também aquilo que é feito revela a sua própria beleza. Os esteticistas não sabem disso... mas o *flâneur* conhece bem esta realidade. (Hessel, 1981, pp. 59-60, citado em Reeh, 2009)

Hessel assume essa atitude de reserva e ponderação perante a grande cidade. Nada de juízos avaliativos precipitados, antes se aconselha reserva perante o objeto que, mesmo se de duvidosa beleza, terá sempre outros recursos para nos atrair. A mesma cautela que proclamara Simmel para prevenir os habitantes da metrópole de uma atitude resguardada, capaz de controlar os ímpetus psicossensoriais perante o bombardeamento a que ficam expostos os nossos sentidos, serve agora a Hessel para decifrar com competência emocional e reserva avaliativa os sinais contraditórios da estética urbana. Berlim que, lamenta Hessel, “não tem sido suficientemente amada” (Hessel, 1997, p. 212), está disponível para se deixar conquistar pelos seus residentes, bastando para isso que estes se entreguem à sua devoção plena e dos seus secretos recantos. Tal pode ser tanto mais reconfortante, insiste Hessel, quanto “caminhar devagar pelas ruas cheias de gente proporciona um prazer invulgar”. Por isso declara: “Todos nós, berlinenses, temos que habitar mais a nossa cidade... Concedei à cidade um pouco mais do vosso amor...” (ibid., p. 212).

Walter Benjamin vê as investidas de Hessel na descoberta da cidade como uma redefinição do *flâneur* parisiense, cuja arte suprema é saber habitá-la até ao ponto de saber perder-se nela. Para ele, a cidade, a grande cidade modernista europeia pode ser alvo dessa simpatia e paixão, tudo dependendo afinal da nossa capacidade de a “descobrir” nas suas mais recônditas paragens. Isso é uma competência ou uma epistemologia urbana que pode ser alcançada pela *flânerie*. Mas poderão afinal os seres humanos amar qualquer coisa

outra que os seus semelhantes? Hessel não hesitaria em responder afirmativamente, com certeza influenciado pela forte relação empática que estabeleceu com as duas metrópoles da sua vida: Berlim e Paris. O *flâneur* cultivava com elas e as suas “florestas de signos” uma relação que faz ressoar o entendimento que Gilles Deleuze faz do amor, em que a pessoa amada surge perante o amante como uma pluralidade de signos e impenetráveis e misteriosos, logo, por isso mesmo, desafiadores objetos de desejo (Machado, 2009, p. 196).

Desconcertante, a grande cidade parece poder ser tanto mais admirada e amada quanto mais severa e difícil de decifrar. Repleta de indecifráveis hieróglifos, a grande cidade “não se deixa ler!” (“*Er lasst sich nicht lesen!*”) como enunciara Alan Poe no seu *Homem da Multidão*. A metrópole não tem a clareza espectral, nem o princípio ou o fim dos outros espaços urbanos. Tornou-se excessiva na medida em que deixou de poder ser percecionada em sua plenitude pelos seus habitantes. Divorciada da relação espacial que a definia e definia as suas fronteiras como no tempo da metrópole de Simmel, a metrópole já centenária de hoje mostra-se indomável e caótica. Assim sendo, poderá ela continuar a ser objeto de desejo? Nesta metrópole centenária tudo pode acontecer, a todo o momento e em qualquer lugar. Tanto pode esmagar o romântico *flâneur* hesseliiano e submetê-lo à condição inerte de quem não consegue decifrar o texto à sua frente e se desorienta, como pode renovar a *flânerie* e torná-la uma condição universal, não mais uma condição personalista singular, porquanto num mundo dominado pelo “espírito” das metrópoles todos seremos *flâneurs*.

A metrópole do irreverente Jeremy Seabrook

Esta metrópole de hoje, arquetipicamente representada pelas megacidades da Ásia, África e América Latina, não permite alimentar a narrativa romântica da vida urbana que Hessel oferece a partir do universo berlinense dos inícios do século passado. É nessas condições que pretendo fazer o contraponto com Hessel, deslocando a análise para o mal contido grito de revolta do jornalista e ensaísta britânico Jeremy Seabrook, num pequeno livrinho de 2007, intitulado *Cities: small guides to big issues* (Seabrook, 2007).

De modo muito sensível, Seabrook destaca os impactos sofridos na vida das pessoas que um pouco por todas as megacidades do Sul global de hoje, continuam a migrar de aldeias pobres para aglomerados urbanos colossais, desestruturados e violentos. Estamos nos antípodas, no duplo sentido político e geográfico, da narrativa dos inícios do século XX sobre a metrópole. O que Seabrook traz de novidade é a dimensão política da vida metropolitana, mesmo se se limita à descrição de situações pontuais, num registo por vezes impressionista, à boa maneira da reportagem, ou, se se preferir, no bom estilo dos *snapshot*s simmelianos e hesselianos.

Os ensaios de Seabrook revelam um cotidiano metropolitano que implica, antes de tudo, o reconhecimento de uma profunda alteração do significado político do viver nesses espaços desestruturados e violentos. Da *démarche* seguida pelo autor retira-se o reconhecimento da transição rápida e profunda ocorrida na condição da metrópole. Tal como

em outros registos sobre as "outras" cidades, também Seabrook produz uma leitura crítica do modelo de crescimento econômico e urbano do mundo, num relato entrecortado de situações que, pela sua veemência, estabelecem um contraste manifesto com as metrópoles dos primórdios da modernidade industrial.

Cities levanta a questão dos limiares da dignidade da vida urbana nos contextos mais pobres de megacidades das Sul global. Na viagem que fazemos com Seabrook por algumas metrópoles da Índia ao Bangladesh, da África do Sul às Filipinas, do Sudeste asiático à América Latina, os protagonistas são distintos – profundamente distintos – do sujeito central da narrativa metropolitana de inícios do século passado. O relato é pungente e impiedoso na denúncia da incapacidade de ação das agências internacionais e, principalmente, do conhecimento social e político para encontrar solução para a dramática realidade descrita. São também fragmentos de vidas de cidade, numa colagem narrativa de que, vale a pena assinalar, alguns retratos filmicos brasileiros poderiam ser eloquentes descritores.

Seabrook mostra ser um fervoroso adepto da urgente necessidade de refazer as bases e os princípios da nossa reflexão sociológica sobre as cidades. De modo muito específico, o livro de Seabrook, embora sem pretensões acadêmicas, levanta a questão dos limites da sociologia urbana para responder às novas realidades metropolitanas emergentes. Será que chegamos ao fim da cidade, enquanto categoria pertinente mas ainda presa a paradigmas do passado?¹⁰ Nessa linha de questionamento, interroga-se, por exemplo, acerca do que julga ser o paradoxo das cidades dos países em desenvolvimento, muitas das quais, apesar do seu

estatuto de “cidades globais”, permanecem desprovidas dos recursos que tipificam as suas congêneres do ocidente.¹¹ O seu impressionante ritmo de crescimento, principalmente desde o período pós-colonial, faz ressaltar a multiplicação e a extensão da favela, ou do *slum*, com essas ou outras designações, um pouco por todo o mundo. O estatuto de muitas dessas grandes cidades na escala dos poderes e nas grelhas classificatórias convencionais oscila muito em função de sua inserção em redes internacionais tecidas pelo capital industrial e financeiro, pelo comércio e pela produção tecnológica da era da globalização. Em função dessas hierarquias, algumas metrópoles parecem estar mais próximas do “norte” (por exemplo, São Paulo, Singapura ou Mumbai) e outras mais próximas do “sul” (por exemplo, Bangalore, Dhaka, ou Lagos). Outras parecem estar no que o próprio Jeremy Seabrook designa de “situação de fronteira” em que se articulam, a um tempo, “todos” os traços de todos os “suis” e de todos os “nortes” (Tijuana, Ciudad Juarez ou Durban).

O “direito à cidade” que reclamam os migrantes que insistem em demandar estas metrópoles não passa de uma quimera, impossível de alcançar. E assim vivem... e morrem, em ritmo obscuro, reclamando uma promessa de cidadania sem concretização homens, mulheres, crianças, velhos, doentes, todos pobres tornados incontornáveis perdedores da modernidade. Ofendidos, expoliados, excluídos, encontram-se na contramão do curso da história dos pobres “respeitáveis” “envergonhados” do tempo da metrópole de Georg Simmel e Franz Hessel a quem o Estado providência estava prestes a acudir. Aqui, do Estado não se conhece o paradeiro e das políticas sociais não se vê rasto. Muitos procuram solução nas suas

redes de sobrevivência, porém todos acabam em condição infra-humana limite de catadores de lixo, de vendedores de órgãos humanos ou de escravizados sexuais.¹² O chamado setor informal cresce desmesuradamente com eles e à custa deles e da sua estratégia de sobrevivência. “Informal” é, em muitos casos, um mero eufemismo, já que a linguagem nos pode prender o raciocínio. Será “informal” a situação do condutor de riquexó que, com uma perna só, pedala nas ruas de Dacca para conseguir a sua renda diária? Será “informal” o jovem casal que propõe a venda do seu filho de dias aos ocidentais que passam nas ruas de Jacarta? Serão “informais” os traficantes de cabelo de jovens mulheres mortas ou as crianças que em Calcutá revendem as garrafinhas de água que trataram de encher com água contaminada? Como Mike Davis diria, são estas e outras formas de “sobrevivencialismo informal” (ele insiste no qualificativo) que sinalizam o modo de vida de gigantescas massas populacionais nas megacidades do mundo pobre de hoje (Davis, 2007).

Separada das outras cidades que formam a megacidade do Sul global, essa gigantesca massa de pobres urbanos foi destituída de qualquer estatuto social pelo *apartheid* econômico, não já étnico ou racial, que fratura o mundo das “cidades do medo”, sem apoios nem serviços básicos, de salubridade e segurança, sem fornecimento nem de água nem de cidadania. Tudo isso acontece num mundo de metrópoles que há apenas algumas décadas atrás dava os seus primeiros passos para exaltar o seu amor à cidade, mesmo que o amor típico e ambíguo da *flânerie*, que tanto se faz de proximidade, presença e afinidade, como dos seus contrários. Tudo isso sucede neste

tempo singular e sem paralelo no seu acúmulo de conhecimento sobre as cidades e as megalópoles. Parece que sabemos hoje tudo sobre as questões urbanas e os desafios ambientais, as necessidades de segurança, os sistemas de transporte ou de proteção sanitária, como dos conflitos sociais e étnicos até às virtudes da governação democrática e participada.¹³

Conclusão: uma nova *flânerie*?

Esta “outra” cidade, todavia, vive na penumbra do nosso conhecimento e reclama a nossa indignação política. Seabrook indigna-se. Mas remete-se a uma contida condição de jornalista e clama por uma nova visão sociológica para esta macrocidade. Quem poderá ajudar? parece ser o seu principal questionamento. A sociologia? perguntamos nós... Sim, se souber rever e refazer os seus princípios norteadores, os seus métodos e os objetos que estiveram na sua origem como disciplina e no desenvolvimento das suas especializações. Ou seja, a sociologia sim, se souber recolher, reler e reatualizar os contributos dos seus fundadores. E se, ao seu lado, conseguir colocar todos os relatos, uns de tonalidade mais amorosa e romântica, outros de maior indignação e politicamente mais empenhados e dar-lhes sentido. No fundo, fabricando uma junção virtuosa de todos os Simmel, Hessel e Seabrook do mundo e com eles tentar contribuir para o reconhecimento urgente e o resgate da nova condição

urbana desta metrópole centenária. Desde os seus primórdios, esta metrópole passou por uma rápida e profunda mudança na sua natureza. De tal monta que não se dá conta que o reconhecimento urgente do seu próprio lugar implica também a construção de um renovado cânone urbano.

O relato irreverente de Jeremy Seabrook é uma das vias para tornar visível e audível a “humanidade excedentária” das “outras” cidades que o poder político e as multinacionais insistem em tornar invisível e silenciar. Como o próprio *flâneur*, estas metrópoles invisíveis e silenciadas são as mesmas que, todavia, insistem em se mostrar e fazer ouvir com a brutalidade da sua condição de cidades excessivas. Será que alguém as vê? Alguém as está a escutar? Será que elas permitem ainda buscar refúgio na atitude *blasé*? Ou cancelaram-na definitivamente? Esmagaram o *flâneur*? Ou simplesmente alteraram sem remédio a sua fisionomia? Ou estarão essas metrópoles a contribuir para a universalização da sua própria condição? O que isso poderá significar é que num mundo de metrópoles como o que está a ser construído, a condição do *flâneur* deixará de ser particularística e atributo de uns poucos apenas e pode converter a todos nós – residentes urbanos de toda a espécie, analistas e comentadores, académicos ou não – em novos praticantes de uma *flânerie* globalizada. Como Simmel aconselha, devemos mobilizar os nossos recursos mentais e saber reagir a mais esta investida à nossa frágil condição de habitantes deste excessivo mundo de macrocidades.

Carlos Fortuna

Professor de sociologia e coordenador dos Programas de Mestrado e de Doutorado em Cidades e Culturas Urbanas na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal.
cjfortuna@gmail.com

Notas

- (1) Uma dessas configurações societais é a metrópole, como passaria a ser convenção designar a grande cidade posteriormente ao seu consagrado estudo de 1903 sobre a Grossstadt (*A metrópole e a vida do espírito*).
- (2) Efetivamente, *A metrópole e a vida do espírito* foi apresentado pela primeira vez em conferência organizada pela Fundação Gehe em Dresden, em 1903, como o intuito de celebrar a Primeira Exposição Municipal Alemã. Como outras exposições semelhantes (por exemplo, a Exposição Comercial de Berlim de 1896), também a Exposição de Dresden reconheceria Berlim como moderna “cidade mundial”, aberta às grandes inovações tecnológicas da época (transportes e comunicações) e capaz de cultivar um espírito de modernidade (Stewart, 2009, p. 2).
- (3) *A metrópole...* centrado fundamentalmente sobre as novas tendências da vida urbana, trata da racionalização das relações sociais em contextos urbanos em expansão e da crescente objetivação da cultura como resultado da monetarização da economia. O texto tem sido criticado por ser desprovido de qualquer contextualização histórica substantiva e por não apresentar qualquer confirmação empírica e estatística que lhe confira um sentido comparatista. Comprovadamente, como sustenta David Frisby, um dos mais destacados especialistas na obra de Simmel, não era esse o intuito do autor ao discutir os traços psicossociais que pautavam a nova vida nas grandes cidades europeias da viragem do século dezanove (Frisby, 2001). Além disso, encontram-se claramente ausentes do texto problemáticas importantes da reflexão sociológica de hoje que Simmel explorou noutros textos dispersos (por exemplo, a questão da governação política da cidade, ou os domínios específicos da produção, ou a própria estrutura social, ou as relações sociais de gênero, ou a questão espacial e da estética urbana, entre outras). Assim, por exemplo, os ensaios que Simmel escreveu sobre Roma (1898), Florença (1906) e Veneza (1907) constituem reflexões histórico-filosóficas de grande pertinência para o reconhecimento da importância que o autor atribui à dimensão estética da cidade no seu todo (Fortuna, 2010). Tratando-se de uma das “ausências” de *A metrópole...*, a questão da estética urbana em Simmel tem portanto de ser captada num conjunto de textos e fragmentos dispersos.
- (4) Os escritos de Charles Baudelaire (1821-1867), em particular o seu ensaio sobre *O Pintor da Vida Moderna* (Baudelaire 2010) e, acima de tudo, a interpretação que Walter Benjamin lhes dedicou (Benjamin, 1983) foram os principais pilares da visão sociológica sobre esse ator social que não deixou nunca de atrair outras numerosas reflexões posteriores (Frisby, 1992; Tester, 1994; Waizbort, 2000).
- (5) “O homem que adora perder-se no meio da multidão alcança fervorosos prazeres de que aquele que se isola e fecha numa caixa e preguiçoso, qual molusco metido na sua concha, está eternamente afastado” (Baudelaire, 1970, p. 20, citado em Tester, 1994, p. 2).

- (6) Segundo David Frisby, este método “jornalístico” da reportagem, com grande afinidade à atitude metodológica tão utilizado por Simmel, foi aplicado por Robert Park, no seu trabalho de etnografia urbana. Por outro lado, Sigmunt Kracauer rejeita a “reportagem” na análise da realidade cultural urbana e adota, em alternativa, uma perspetiva “construtivista” na observação dessa mesma realidade (Frisby, 1994, pp. 104-105).
- (7) Esta opção por Hessel é deliberada, precisamente para dar atenção ao seu pioneirismo no tratamento da *flânerie* berlinense. Não dedico atenção aqui ao estudo consagrado de Walter Benjamin sobre o *flâneur* (Benjamin, 2009, pp. 461-498) centrado em Paris e na relação econômico-espacial traduzida pela presença da mercadoria e do consumo no espaço público das arcadas.
- (8) Da obra pessoal de Franz Hessel merecem destaque os *Paseos por Berlín*, de 1929 – disponível em castelhano –, uma recompilação de ensaios de 1933 – disponível em francês com o título *Encouragements au plaisir* – e um texto sobre Marlene Dietrich, de 1931. Além da sua obra pessoal, Franz Hessel foi também um tradutor admirado de obras de Stendhal, Baudelaire e Proust, entre outros. A tradução para a língua alemã de *A la Recherche du Temps Perdu*, de Marcel Proust, feita em colaboração com Walter Benjamin, foi um acontecimento muito celebrado em que, todavia, o contributo de Hessel terá sido minorizado pela imprensa, que o apresentou como tradutor secundário e atribuiu erradamente a W. Benjamin a primazia do trabalho (Palmier 1997).
- (9) Refiro-me ao epílogo significativamente titulado “*O regresso do flâneur*” que Benjamin assina na edição dos ensaios de Hessel “*Passeios por Berlim*” de 1929 (Benjamin, 1997).
- (10) Tenho designado de “pós-cidade” essa contínua alteração das condições estruturais da vida urbana e a crescente inadequação da retórica académica para captar o essencial dessa mudança.
- (11) Veja-se a esse propósito a reflexão incisiva de João Sette Whitaker Ferreira sobre a “globalidade” de São Paulo (Ferreira, 2007).
- (12) As descrições pontuais da vida de pessoas singulares das metrópoles do Sul surge recorrentemente entre os escritos de Seabrook. Assim, pode ver-se também a sua acutilante descrição do mundo urbano em desenvolvimento nas cidades do Sul (Seabrook, 1996).
- (13) Num tempo e num mundo em que sabemos até (nós académicos e as autoridades), com fina exatidão, a que horas do dia (de todos os dias do ano) as mulheres da cidade indiana de Pune são estupradas. Agradeço esta informação a Sujata Patel.

Referências

- AMIN, A. e GRAHAM, S. (1997). The ordinary city. *Transactions of the Institute of British Geographers*. Londres, v. 22, n. 4, pp. 411-429.
- BAUDELAIRE, C. (1970). *Paris spleen*. Nova Iorque, New Directions Books.
- _____. (2010). *O pintor e a vida moderna*. Belo Horizonte, Autêntica.
- BENJAMIN, W. (1992). *Rua de sentido único*. Lisboa, Relógio de Água.

- BENJAMIN, W. (1997). "El retorno del flâneur". In: HESSEL, F. [1929]. *Paseos por Berlín*. Madri, Tecnos.
- _____ (2009). *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo, Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- CLARK, D. (2003). *Urban world/Global city*. Londres e Nova Iorque, Routledge.
- COVERLEY, M. (2006). *Psychogeography*. Harpenden, Pocket Essentials.
- DAVIS, M. (2007). *Planeta favela*. São Paulo, Boitempo.
- FERREIRA, J. S. W. (2007). *O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis, Vozes.
- FORTUNA, C. (2010). "Simmel e as cidades históricas italianas: uma introdução". In: FORTUNA, C. *Simmel: a estética e a cidade*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- _____ *In praise of other views: the world of cities and the social sciences*. Berlim, Iberoamericana.
- FRISBY, D. (1994). "The flâneur in social theory". In: TESTER, K. (org.). *The flâneur*. Londres e Nova Iorque, Routledge.
- _____ (2001). *Cityscapes of modernity*. Cambridge, Polity Press.
- GLEBBER, A. (1999). *The art of taking a walk: flânerie, literature and film in Weimar culture*. Princeton, Princeton University Press.
- HESSEL, F. (1981). "Von der schwierigen Kunst spazieren zu gehen". In: HESSEL, F. *Ermunterung zum Genuss*. Berlin, Brinkmann & Bose.
- _____ (1997) [1929]. *Paseos por Berlín*. Madri, Tecnos.
- MACHADO, R. (2009). *Deleuze: a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MENDIETA, E. (2001). Invisible cities: a phenomenology of globalization from below. *City*. Londres, v. 5, n. 1, pp. 7-26.
- PALMIER, J.-M. (1997). "El flâneur de Berlín" (Prólogo). In: HESSEL, F. (1997). *Paseos por Berlín*. Madri, Tecnos.
- REEH, H. (2009). "Arrivals and departures: travelling to the airports of Berlin". In: STAIGER, U.; STEINER, H. e WEBBER, A. (orgs.). *Memory culture and the contemporary city: building sites*. Nova Iorque e Londres, Palgrave.
- ROBINSON, J. (2006). *Ordinary cities: between modernity and development*. Londres e Nova Iorque, Routledge.
- SANSOT, P. (1994). *Poétique de la ville*. Paris, Petite Bibliothèque Payot.
- SEABROOK, J. (1996). *The cities of the south: scenes from a developing world*. Londres, Verso.
- _____ (2007). *Cities: small guides to big issues*. Ann Arbor, Pluto Press.
- SIMMEL, G. (1997) [1903]. "A metrópole e a vida do espírito". In: FORTUNA, C. (org.). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras, Celta.
- SOJA, E. e KANAI, M. (2007). "The urbanization of the world". In: BURDETT, R. e SUDJIC, D. (orgs.). *The endless city*. Londres, Phaidon Press.

- STEWART, J. (2009). *Public speaking in the city: debating and shaping the urban experience*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan.
- TESTER, K. (org.) (1994). *The flâneur*. Londres e Nova Iorque, Routledge.
- UNITED NATIONS (Department of Economic and Social Affairs - Population Division) (2010). *World Urbanization Prospects: the 2009 Revision*. Nova Iorque, United Nations.
- WAIZBORT, L. (2000). *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo, Editora 34.

Texto recebido em 4/nov/2010
Texto aprovado em 15/dez/2010

